

GONÇALVES, Evanilton. *O coração em outra América*. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa: ParaLeLo13S, 2021.

Keila Mara de Souza Araujo Maciel¹

A oportunidade de escrever e ler resenhas também nos permite, em algum sentido, tocar parte do momento arredo que é o contemporâneo. E, se a obra lida atravessa o tempo histórico próximo ao da leitura, há um encontro de sentidos e personagens cujo desenho ainda cheira à tinta molhada. Nesse caso, haverá coisas a dizer, como quem simula uma conversa com o livro, com o autor, com outras/os leitoras/es e a resenha parece almejar essa coletividade. Nesta ocasião, a leitura do romance *O coração em outra América* (2021), de Evanilton Gonçalves instiga a escrita.

Logo nas primeiras páginas do romance, o narrador-protagonista demonstra-se exausto e dispõe-se, na impossibilidade de estar em outro mundo, a passar ao menos um período em outro país, outra cultura, outros abismos, e assume milhões de vozes de um Brasil recente: “significava também escapar, por um momento que fosse, da melancolia que se alastrava em meu país. Sim, autoexílio. Mas para todos: turismo ou qualquer explicação vaga” (Gonçalves, 2021, p. 23). A dificuldade de compreender e, principalmente, de acreditar no que acontece no país faz lembrar as cenas de “República”, curta-metragem filmado e lançado em 2020, dirigido e protagonizado pela cineasta, atriz e dramaturga Grace Passô: “O Brasil não existe. Foi um sonho.” “O Brasil nunca existiu.”

O protagonista chega ao México para passar algumas semanas e se lança em uma experiência de busca, não exatamente por pessoas ou lugares, mas por outras formas de conhecer o tempo. Talvez por isso, ao personagem, nada pareça fixo, pois tudo passa por ele nesse momento de pausa em lugar desconhecido e a narrativa se faz compartilhando os lugares, ainda que seja na compreensão mútua da solidão. Assim também o livro torna sensorial o desenho da cidade, a inscrição das cores da urbanidade, da música que levou e da música que encontrou, imagens do cinema nas paisagens vivas, no movimento das pessoas, na convivência

¹ Professora na Universidade Federal do Sul da Bahia. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Letras (Português) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9653-4565>. E-mail: keilamaram@gmail.com

mútua de seres, coisas, espaços e sons. A leitura do livro *O coração em outra América* estabelece uma dança, um ritmo próprio entre o movimento e o recolhimento reflexivo.

Nos encontros do acaso, o protagonista conhece uma moça misteriosa numa loja de sapatos. O envolvimento dos dois se desenha junto à continuidade da narrativa e no incerto das andanças de uma viagem sem urgências. “Duas verdades: meu delírio crescia e a aleatoriedade era o nosso maior elo de ligação. Compreendi que ela era um enigma difícil de decifrar. Mas talvez o enigma fosse eu mesmo” (Gonçalves, 2021, p. 69). Há entre eles um ritmo intenso de aproximação e afastamento, aparecer e desaparecer, a pele, o toque, e o avistar, já longe: “Mas se ela chegasse perto, se aninhasse em mim, talvez descobrisse o meu segredo: ‘um pássaro azul em meu peito’” (p. 122). O desejo movimenta-se tão concreto quanto onírico: “No dia seguinte, podia jurar, ela caminhava em minha direção. Me senti atordoado. Bem poderia dizer que ela não pertencia a esse mundo” (p. 128).

A experimentação metalinguística em torno da autoria está bastante presente no romance *O coração em outra América*. Um personagem de livro que retoma outro personagem de livro e também se confunde com o escritor, premiado em um concurso literário com uma viagem à Cidade do México.

O trajeto da viagem, a chegada e os passos do personagem pela cidade revelam o período em terras desconhecidas como um espaço aberto para as experiências sem roteiro e sem investimento em expectativas positivas ou negativas. Para além do comportamento de um viajante observador, o protagonista reúne sua disposição em estar nos lugares, entre as pessoas. A partir disso, fluem acontecimentos, ideias, dúvidas, reflexões:

Apesar da onda xenofóbica que se espalha pelo mundo, esse é um país acolhedor, me ocorreu pensar. E o espelho respondeu confiante. Tenho certeza. Quem diria, viver em outro país, construir uma nova história. O coração em outra América (Gonçalves, 2021, p. 39).

E a América não se confunde com os Estados Unidos. As primeiras páginas do livro ressaltam esse período sombrio que o Brasil viveu, principalmente entre 2018 e 2022. O massacre da miséria contra a população mais vulnerável, cometido por lideranças promotoras da irracionalidade como mecanismo de dominação.

Ao chegar na cidade do México, os fatos narrados pelo protagonista estão envoltos por reflexões expandidas e retratos concretos inscritos nos muros, nas ruas e no semblante das

peças. Durante a jornada no México, o protagonista, pouco ou nada retoma do Brasil e mergulha num inebriado sensorial que envolve também quem lê entre as cores que vibram mesmo no frio imprevisto, e uma ida ao museu se torna uma viagem psicodélica de movimentos do pensamento, de imagens e de gente. Assim, o romance recompõe, na linguagem das cenas que nos atravessam, as experiências vividas e imaginadas, de forma a criar efeitos sensoriais de leitura das imagens e exercícios de escuta. Acompanha-se ao movimento das nuvens, das massas, das artes, da vibração do calor até chegar na pele e continuar mobilizando as andanças do rapaz. Em outras direções, o personagem dispõe-se a ouvir as histórias das populações originárias contra os colonizadores que invadiram o México e as outras Américas.

Nas reflexões do livro, se pontua uma voz bem marcada, não como delimitação de algo finalizado, mas com a concretude de quem realmente tem algo a dizer, orientado pela lógica dos fatos e pela disposição de criar. Esse alcance que aproxima o olhar e a voz é bastante próprio do ensaio, e o romance traz em seu entremeio muitas variações do raciocínio ensaístico de criação-crítica: um romance que narra uma história e, dentro dela, várias histórias, trajetórias de pessoas, de povos, de países e o esforço da cultura em acompanhar e interferir nas épocas. As reflexões atuam na continuidade da narrativa, atreladas aos fatos narrados, nas relações entre as/os personagens, mas, ao mesmo tempo, instigam um efeito conhecido entre leitoras/es de literatura, quando quem lê precisa parar por instantes a leitura e a reflexão faz eco em questões insolúveis, amplas, estreitas, cortantes: “O sonho só é sonho enquanto acontece, não é verdade? Depois, é lembrança, cujos traços tendem a se esfumegar pouco a pouco no decurso do tempo” (Gonçalves, 2021, p. 54).

O autor, em diversos momentos, insere dados que leitoras(es) podem associar a informações empíricas da vida vivida (também na escrita) pelo escritor, no jogo de duplicações e performances da autoria: “Aproveito para escrever no bloco de notas do celular. É a típica anotação de quem quer capturar o impossível. [...] São observações sobre a vida, respondo com ar filosófico. Pensando bem, são só pensamentos supérfluos. Nada demais” (Gonçalves, 2021, p. 107). Essas abordagens são também um sutil jogo metanarrativo, em que o autor, por meio do personagem-protagonista, um revisor de textos, revisa a função do autor que o criou, voltando ao primeiro livro publicado *Pensamentos supérfluos*: coisas que de desaprendi com o mundo (2017). No romance, a voz do protagonista se confunde com o olhar do autor refletindo sobre a escrita, o trabalho com as palavras, as leituras, o repertório cultural, o desejo sobre a folha de papel ou editor eletrônico.

Há, no romance, momentos em que a literatura de criação-crítica se ergue nesse lugar inseparável em que os fatos e reflexões se voltam para a própria escrita de ficção, por análises de crítica literária que o protagonista, também profissional das Letras, se vê provocado a fazer, permitindo-se a voz em amplas frentes. Durante algumas horas na biblioteca da cidade que visitava, o personagem lê alguns contos de Rubem Fonseca no livro *Axilas e outras histórias indecorosas* (2011). Entre eles, um conto retoma enredo e personagens de Edgar Allan Poe: “Edgar e Lenore são nomes fictícios e, ao mesmo tempo, não o são. Embora um pense não saber a verdadeira identidade do outro e, mesmo tendo passado só algumas noites juntos, decidem se casar. Mas Lenore é assassinada antes. Então entra em cena o detetive Guedes” (p. 112).

Após uma breve análise do enredo, uma reflexão sobre uma literatura sempre consagrada, livro após livro, pelo nome do autor e pelo lugar de onde ele parte:

Esse conto de Fonseca, construído, portanto, a partir de um interessante mergulho no universo literário de Poe, reforçava o perfil varonil de suas personagens e, porque não, de certa literatura do meu país, cujos autores, quase sempre homens pertencentes à tríade branco-classe média-heterossexual, pareciam não habitar ainda o século XXI. Terminei a análise com uma inquietação: a que lógica esse tipo de narrativa de meu país responde? Me sentia aturdido ao me imaginar fazendo parte daquilo. Fechei o livro. Olhei ao redor e constatei que a área de literatura estava vazia. Passaria o dia inteiro lá dentro, me deliciando com leituras e brincando de crítico literário, mas senti fome (p. 113).

O protagonista-narrador não diz seu nome, nem traz informações sobre a sua imagem no mundo, todas essas percepções surgem das experiências do próprio personagem, na interação com outras pessoas, principalmente nos espaços públicos, no Brasil e no México, outras Américas, marcadas por abismos e apropriações coloniais, enraizadas no eurocentrismo e também no imperialismo dos Estados Unidos. O racismo como base para todo plano de exploração e desumanização. Então relembramos: “Passear por algum lugar desconhecido sozinho pode ser perigoso, porque é possível encontrar exatamente aquilo que imaginávamos ter deixado para trás” (p. 73).

Referências

FONSECA, R. *Axilas e outras histórias indecorosas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

GONÇALVES, E. *Pensamentos supérfluos: coisas que de desaprendi com o mundo*. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa: ParaLeLo13S, 2017.

REPÚBLICA. Direção: Grace Passô. Produção: Wilssa Esser, Grace Passô. São Paulo: [s. n.], 2020.

Recebido em: 5 de outubro de 2024.

Aceito em: 6 de dezembro de 2024.